



Vania do Carmo Nobile é mestre em Educação pela Universidade de Brasília e doutora na Linha de Políticas e Práxis da Educação Profissional (PPGEP/IFRN). É docente na área de Políticas e Gestão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/Campus Macau.

Artífices: O que você destaca sobre o cenário da educação brasileira quando ocorreu a criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, em 2008?

Vânia Nobile: No ano de 2008, havia um cenário de positividade e expansão das políticas de Educação Profissional no Brasil. Muitas políticas de inclusão, como “Proeja, Mulheres Mil”, estavam sendo desenvolvidas ao mesmo tempo em que ocorria a expansão das escolas de educação profissional que tiveram sua institucionalidade definida em 2008 como os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs).

Artífices: Quais fatores, em sua visão, colaboraram para a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia?

Vânia Nobile: Primeiro uma vontade política de capilarizar a Educação Profissional, levando a oferta de cursos de qualificação profissional até pós-graduação, pensando na possibilidade de construção de um itinerário formativo para cidades do interior do país e, com isso, o MEC percebeu a necessidade de dar a essas escolas e as que já existiam, inclusive com identidades diversas, como industriais e agrícolas, por exemplo, uma nova institucionalidade que contemplasse uma formação integral, com foco no desenvolvimento dos arranjos produtivos locais e também na inclusão.

Artífices: Como os pesquisadores/intelectuais reagiram à criação dos IFs?

Vânia Nobile: Ainda que possa ter havido reações frente às mudanças resultantes dessa nova institucionalidade, não me recordo de críticas maiores por parte da comunidade acadêmica.



Artífices: Quais foram, na sua análise, as críticas mais consistentes em relação à criação dos IFs?

Vânia Nobile: A criação de algo com este ineditismo pode criar desconfiança em relação a como, de fato, todas as mudanças propostas irão se materializar. Tanto que alguns CEFET à época não aderiram e permanecem como estavam, como o CEFET Minas e o CEFET Rio. A criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, com os trinta e oito Institutos Federais ocorreu num cenário de expansão dessas escolas federais de educação profissional, o que pressupõe obras e concursos públicos em andamento, o que pode levar ao entendimento de que mudar a institucionalidade poderia trazer alguma instabilidade naquele momento. Outro aspecto, é que, por mais que se discuta ou apresente a proposta, sempre haverá aqueles que não se sentirão totalmente esclarecidos.

Artífices: Quais são os desafios que persistem aos IFs nas dimensões ensino, pesquisa, extensão e gestão?

Vânia Nobile: Acredito que os desafios são muito particulares para cada IF, pois é preciso considerar suas características, as transformações da comunidade onde está localizado, mas um desafio que ainda parece persistir é o de mostrar à comunidade seu caráter inclusivo, público e gratuito. Os IFs carregam a marca histórica e identitária de levar a profissionalização para a sociedade e considerando as mudanças históricas, econômicas e sociais que a sociedade brasileira vem passando desde a criação das Escolas de Aprendizizes Artífices, em 1909, faz-se necessário que constantemente se defenda essa tríade do ensino, da pesquisa e da extensão como base do desenvolvimento das suas ofertas e seu caráter inclusivo como princípio basilar.

Artífices: Em sua análise, quais as marcas identitárias que os IFs vêm construindo ao longo destes 15 anos?

Vânia Nobile: Uma marca da institucionalidade dos IFs é seu caráter abrangente na oferta de educação profissional, desde um curso de qualificação profissional de 160 horas, por



exemplo, até o doutorado. Inclusive, meu doutoramento ocorreu no Programa de pós-graduação em Educação Profissional do IFRN e tenho muito orgulho disso. Ainda sobre este aspecto, um adolescente tem a oportunidade de construir sua formação acadêmica em um IF federal desde o Ensino Médio seguindo até a pós-graduação, quando adulto pode retornar sua trajetória acadêmica em um processo de reconhecimento de saberes e continuar estudando, um educando da EJA pode articular sua educação básica com um curso de educação profissional.

Artífices: Nesse processo, quais aspectos distinguem os IFs das demais instituições que compõem a Rede Federal?

Vânia Nobile: Hoje, a Rede Federal, além dos 38 IF, é composta pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR; Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ e de Minas Gerais - CEFET-MG; Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais; e Colégio Pedro II. São instituições que têm o mesmo objetivo de ofertar educação profissional, mas cada uma apresenta características próprias e estão construindo sua história a partir dessa identidade. Acredito que esta também é uma característica singular desta Rede, que possui instituições tão diversas, mas que se reconhecem pela busca da oferta de educação profissional de excelência.

Artífices: Em sua perspectiva, quais foram os principais resultados alcançados no ensino, pesquisa, extensão e gestão?

Vânia Nobile: Acredito que os bons resultados alcançados pelos Institutos Federais se devem, em grande parte, pela busca do desenvolvimento da tríade ensino, pesquisa e extensão, porque, para oferecer uma formação integral ao educando, é necessário transcender o ensino e se projetar na pesquisa, ao mesmo tempo reconhecendo o seu entorno com o desenvolvimento de projetos de extensão. E quanto à gestão, acredito que cada IF consegue desenvolver uma boa gestão quando busca aprimorar este processo, olhando as necessidades da comunidade onde está instalado, reconhece as mudanças



necessárias para atender estas necessidades, sem perder de vista seu histórico e o seu compromisso institucional.

Artífices: Quais são os principais desafios para a consolidação dos IFs enquanto referência para a Educação Profissional e Tecnológica?

Vânia Nobile: Um desafio significativo é não perder a sua referência de escola que tem o compromisso com a formação técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, como determina a sua própria lei de criação, que 50% de sua oferta seja nesta modalidade, inclusive para aqueles que descontinuaram sua trajetória acadêmica, com cursos na modalidade EJA.

Artífices: Em sua análise, quais são os principais desafios para a permanência e êxito dos estudantes na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica?

Vânia Nobile: Nos estudos de permanência e êxito podem ser identificados vários aspectos, inclusive para diferentes grupos de educandos, por exemplo, os adolescentes têm o desafio da não reprovação para conclusão no tempo previsto e isso importa em ter condições de permanecer no curso com políticas de assistência estudantil e pedagógica, quando necessário. Já os adultos, além destes, ainda enfrentam a sua condição de adultos, tendo que conciliar as demandas da família e do trabalho com seus estudos, o que requer das escolas uma sensibilidade de considerar essas questões quando da sua organização de um projeto pedagógico de cursos para trabalhadores estudantes.

Artífices: Como o Ministério da Educação tem se posicionado acerca do orçamento para o funcionamento das instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica?

Vânia Nobile: No momento, como estou trabalhando na SECADI, não tenho informações atualizadas sobre esta questão, mas nas políticas de EJA e EPT, nas quais estamos trabalhando, sempre consideramos a Rede Federal como um lócus importante para o fomento para o desenvolvimento de muitos projetos, como cursos de EJA-EPT e



de formação de docentes.

Artífices: Finalmente, olhando para um futuro próximo, quais são as oportunidades e os desafios a serem enfrentados pelos IFs?

Vânia Nobile: O principal desafio, neste momento histórico em que estamos, a partir do ano de 2023, é a reconstrução da educação no nosso país, particularmente na Educação Profissional, seja por meio da reconstituição do orçamento, uma vez que não há um fundo de financiamento como as demais ofertas da Educação Básica, financiadas pelo FUNDEB. Outro desafio é retomar o olhar sobre políticas importantes para a educação no nosso país, como a articulação da EJA com a EPT, notadamente de forma integrada; como a política de reconhecimento de saberes como porta de entrada de jovens e adultos trabalhadores nos sistemas de ensino. E acredito que os Institutos Federais têm como uma rede, de fato, a oportunidade de somar esforços, socializar conhecimentos para, no sentido estrito de rede como teia, como entrelaçado de fios e processos de conhecimento que se espalha em seus 656 câmpus, de democratizar o acesso e oferecer formação profissional para a inserção no mundo do trabalho de jovens e adultos brasileiros.